

## 6. Considerações Finais

“Já proclamamos que existimos, nossos modos de vida estão aí (...). A gente deu um salto de ser objeto de discurso político para se tornar sujeito do discurso. Eu não preciso que ninguém fale por mim. É muito importante o que a Marta Suplicy [política brasileira pioneira em proposições legais pró-LGBTs] fez, de introduzir essa pauta na agenda política. Mas a Marta é uma mulher hétero falando em nome dos gays. Agora sou eu falando dos gays, de uma experiência que é minha, que eu tenho na pele, ou seja, o estigma, eu vivi; eu não estou falando de uma coisa que eu faço ideia. E talvez por isso eu abraço com tanta coragem e enfrente tanto”  
Jean Wyllys, em entrevista ao programa de televisão *Saia Justa* (canal GNT), em 03 de abril de 2013

Fechar um texto sempre foi uma tarefa complicada em minhas experiências de escrita. No presente instante, ao terminar o texto de minha tese, percorro minhas memórias e consigo lembrar de algumas aulas de redação, ainda quando era um aluno do ensino fundamental (primeiro grau, naquele momento). As explicações que me foram dadas sobre o que é e como fazer uma conclusão sempre me pareceram pouco elucidativas. Do mesmo modo, alguns anos depois, quando tive por incumbência ensinar outras pessoas a produzir textos, concluir sempre foi uma parte complicada de dizer como fazer. O fim dos textos sempre foi difícil, tanto o daqueles que escrevo, quanto o daqueles que leio. As despedidas sempre foram complicadas para mim, essa é a verdade.

Foi refletindo sobre isso, diante da página em branco do Word, procurando formas de iniciar o fim, que achei ser importante sentar e pensar nos motivos primeiros que me trouxeram a esse texto. Foram muitas as recordações que me vieram à mente nos rápidos instantes de silêncio que dediquei a essa reflexão. Achei que era importante que uma música me ajudasse a pensar no fim desse percurso. Lembrei de um espetáculo de dança contemporânea a que assisti há alguns anos atrás. Em verdade, lembrei de uma música que fazia parte de sua trilha sonora. Não lembrei o seu nome, mas conseguir recuperar o compositor, o francês Jean Jacques Lemêtre. Continuei em meu exercício de reflexão sobre minha tese, agora ao som da música de Lemêtre, que tocava em um teaser do espetáculo a que fiz referência. *O que imagino sobre a morte*, um trabalho da Esther Weitzman Companhia de Dança, não tem proximidades temáticas com

minhas proposições neste estudo. Seu tema é, para sintetizar bastante toda a riqueza da peça, a morte; um espetáculo sobre mortes, sobre fins, sobre caminhos percorridos (e também sobre os processos que nos levam às finalizações). A bela e inesquecível música e os movimentos de Esther, Paulo Marques e Toni Rodrigues, bailarinos do espetáculo<sup>1</sup>, me ajudaram a pensar em como despedir-me. E foi então que me lembrei de Jean Wyllys.

Jean é um rapaz que admiro. Sua história de vida começou a se tornar pública após sua participação em um programa de reality show de bastante audiência no ano de 2005. Hoje, já em segundo mandato, exerce a função de deputado federal pelo Rio de Janeiro<sup>2</sup>. Minha admiração por Jean se deu, em um primeiro momento, porque ele disse “eu sou gay” em rede nacional. Lembro bem do momento em que isso aconteceu. Eu estava com meus pais, irmãos e alguns tios e primos, em um domingo à noite, na casa de praia de um tio. As palavras de Jean foram ouvidas por todos que se reuniam naquela sala e, de alguma forma, impactaram os presentes. A saída de armário de Jean foi comemorada por algumas pessoas que estavam ali comigo. Os homens, em sua maioria, ficaram calados. Eu comemorei muito “por dentro”. Sentia-me, de alguma forma, representado por Jean. Porém, “por fora”, eu também fiquei calado. Minha homossexualidade ainda não era, naquele momento, negociada com meus familiares da forma como é hoje. Em outras palavras, eu ainda estava dentro do armário para a maioria daquelas pessoas (com exceção de algumas poucas primas, que trocaram olhares cúmplices comigo após o discurso de Jean).

Daquele domingo em diante, passei a acompanhar os passos de Jean durante todo o programa. De maneira um pouco irrefletida, concordava com tudo o que ele dizia. Pela primeira vez, até onde minha memória alcança, eu estava tomando como parâmetro de comportamento e de ideologia um homem que se identificava publicamente como gay. Dito de outro modo, tinha como ídolo um homem gay. Outras figuras públicas gays já faziam parte de meu repertório pessoal de personalidades admiráveis<sup>3</sup>. Nenhuma delas, contudo, tinha o apelo

---

<sup>1</sup> O vídeo poder ser assistido neste link: <http://www.estherweitzman.com/o-que-imagino-sobre-a-morte/> (último acesso em 15.06.2016)

<sup>2</sup> Faço rápidas referências a ele também no capítulo 2.

<sup>3</sup> Faço questão de destacar, mesmo que seja em nota, como o escritor Caio Fernando Abreu foi extremamente importante nesse sentido.

popular que Jean alcançou. Eu já era professor em cursos de línguas estrangeiras naquele momento. Lembro como cheguei, em algumas aulas, a comentar sobre minha admiração por Jean. Os olhares de alguns alunos indicavam como essa admiração, indiretamente, abria um pouquinho as portas do meu armário. Ali, diferentemente do que ocorria em outros ambientes, eu me sentia um pouco mais à vontade de ensaiar performances de um gay fora do armário. A companhia de Jean me dava um pouco de segurança. Jean, além de porta-voz de um discurso de empoderamento gay<sup>4</sup>, era um intelectual admirável, um amante da poesia brasileira e, para facilitar minha vida, um profissional de Letras.

Jean foi o vencedor daquele programa e, desde então, não deixou de ocupar a cena pública. Após a exposição midiática, veio sua carreira como político, iniciada em 2010, quando de sua primeira candidatura. Acompanho com bastante identificação seus embates com lideranças partidárias de oposição, suas participações em programas de televisão, as colocações em seus perfis em redes sociais online e seus livros. Há reservas e distanciamentos, é claro. Mas permanece mais viva e potente a simpatia que tenho por ele, um gay fora do armário, um ídolo (posso chegar a dizer correndo o risco do exagero)

Jean me ajudou a pensar nas últimas considerações do presente texto. Foi pensando nos impactos – que considero positivos – de suas performances de gay fora do armário que tive insights importantes para fechar esta tese. Afinal, estou tomando a palavra, desde o início do texto, como um intelectual gay. Esse é um dado que precisa ser resgatado com ênfase neste momento final. Penso que minha tese é uma contribuição importante também por isso.

Não sou, como já disse antes, o primeiro a fazer isso (seria uma arrogância e uma grande inocência acreditar nisso); sou mais um (de não muitos) que o faz. Tomo a palavra, neste trabalho, como um indivíduo que se constrói como homossexual e que assume as consequências semânticas dessa performance envolvidas na tarefa intelectual. Construí-me como gay quando propus esse estudo, quando selecionei, sintetizei e organizei leituras teóricas, quando estive em situação de entrevista gerando, conjuntamente com os demais participantes, os dados a serem analisados, quando encaminhei possibilidades de interpretação analítica para tais dados e, finalmente, quando teci os fios discursivos produtores

---

<sup>4</sup> Assumo o perigo dessa expressão. Ela é oportuna nesse momento.

do texto. Fiz questão de performar homossexualidade em todos os momentos, de deixar, conscientemente, as portas abertas do armário para que se pudesse ver, mais uma vez, que de dentro dele também sai uma tese de doutorado (qualquer semelhança com as performances de Hélio não é uma mera coincidência). Há um orgulho em jogo aqui. Sinto-me na necessidade de evidenciar esse orgulho nessas linhas. Jean, em livro recente, ajuda-me a pensar que não estou em euforia excessiva: “é justamente essa subjetividade (eu, caráter, identidade) insultada e inferiorizada que se deve superar por meio da afirmação de si, do *orgulho* de ser o que se é, em um gesto pessoal e coletivo de desconstrução das normas que nos inferiorizam” (Wyllys, 2014, p. 173). Estou com Jean. Escrever aqui como um intelectual gay não somente é uma contribuição que acredito oferecer ao ciclo de produção acadêmica mais restrito do qual faço parte, mas é também um alargamento do coro de vozes dissonantes, que – ainda bem – já se faz ouvir em alto e bom som em muitas esferas públicas. Vejo-me diretamente envolvido na tarefa política de alargar essa possibilidade de enunciação discursiva.

Iniciei esse percurso orientado por uma questão central: “como os três participantes entrevistados e eu coconstruímos, interacional e narrativamente, sentidos para (nossas) performances de homossexualidade durante os encontros sob escrutínio?”. Valendo-me das noções de face e narrativa, entre outras, estive interessado em como Rafael, Hélio, Gabriel e eu coconstruímos sentidos de homossexualidade nos encontros que travamos para a gravação de entrevistas. A homossexualidade, desde o início, foi entendida por mim nesse estudo como um estigma. Foi orientado por essa ideia que parti para o encontro com os três rapazes. Nós falaríamos sobre um estigma social. E mais, falaríamos de um estigma social que também nos informava enquanto sujeitos do mundo. Isto é, a homossexualidade era o objeto e também o sujeito dos discursos que foram produzidos durante as entrevistas, para aproveitar-me das ideias de Jean Wyllys na epígrafe que abre o capítulo.

Em termos teórico-contextuais, sintetizei algumas conclusões construídas a partir de uma revisão selecionada da literatura de Michel Foucault sobre regimes de confissão e suas possíveis conexões com o dispositivo do armário, isto é, todo o emaranhado discursivo que se debruça sobre (in)visibilidades de performances de (homo)sexualidade.

Percorri a estrada teórico-metodológica orientado por Judith Butler, pensando as identidades como performances, como atos estilizados repetidos dentro de um marco regulatório. Alinhavei esses estudos às proposições de Erving Goffman a respeito das identidades que envolvem estigma, entendido como prática identitária situada. Apoiado teórica e analiticamente na Sociolinguística Interacional e nos estudos em Análise de Narrativa, fiz a análise de três entrevistas atentando-me a três camadas de interpretação: a superfície interacional dos dados gerados, a construção conjunta de universos narrativos e, por fim, o estabelecimento de coerências com sistemas mais amplos de discursos. Às vezes tomadas separadamente, às vezes em conjunto, as observações dessas camadas me possibilitaram visualizar respostas possíveis a respeito dos significados de homossexualidade que meus participantes e eu elaboramos nas entrevistas. Essa foi também uma estratégia metodológica que tentou dar conta de uma observação microsocial que não desprezasse discursos macrosociais que pudessem se precipitar nos encontros em questão.

A homossexualidade foi significada de maneiras bastante distintas. Essa pluralidade semântica torna-se visível pela observação atenta dos mecanismos e estratégias discursivas que foram colocados em práticas pelos participantes.

Na entrevista com Rafael, vê-se como a homossexualidade é uma semântica social que precisa ser negociada com destreza e atenção. Rafael e eu negociamos sentidos para (nossas) homossexualidades de forma mais indireta, se comparamos sua entrevista com a de Hélio e Gabriel. Instanciar a homossexualidade entre nós foi a tarefa a que me dediquei quando do contato com o participante para saber de sua disposição a colaborar com a pesquisa. Iniciei ali um trabalho discursivo voltado a assentar entre nós a homossexualidade como temática a ser discutida e também como performance comum a nós dois. Assim como fiz com Hélio e Gabriel, estabeleci “um acordo” com Rafael: estaríamos, na entrevista, “entre iguais”. Isso, como mostrei, não se deu de forma fácil. A possibilidade de constrangê-lo levou-me a um cuidado discursivo excessivo, preenchendo minhas primeiras interações com o participante de indiretidades. Em entrevista, esse cuidado precisou se manter, já que Rafael pareceu diminuir a importância de um discurso evidentemente “fora do armário”. Quase todas as suas experiências foram contadas de maneira a ressaltar não sua excepcionalidade, mas a sua “normalidade”. Rafael construiu-se como um rapaz que dá pouca atenção às

supostas especificidades de uma existência como um rapaz gay. Suas questões pessoais são apresentadas como as questões de “qualquer pessoa”. Não posso dizer que o participante se construiu como um gay dentro do armário. Mas acredito poder afirmar que, ao falar de si, prefere manter a porta encostada, preferencialmente deixando lá dentro qualquer sentido que dê margens a uma espetacularização ou dramatização excessivas de sua vida como um sujeito gay. Ser uma pessoa normal e apagar grandes particularidades de uma performance de indivíduo gay parece ter sido a linha percorrida pelo participante ao longo da entrevista. Resistindo a isso, minha atuação discursiva no encontro elicitou de Rafael momentos mais dramáticos, episódios mais relatáveis e, em tudo isso, uma homossexualidade mais emblemática. As manobras de face foram evidentes em alguns desses casos. Rafael e eu estivemos em negociação com o armário de maneiras distintas: enquanto Rafael diminuiu a necessidade de uma “especificidade homossexual” em suas histórias, eu parecia flertar com a expectativa de que se o sujeito se constrói como homossexual, sua história de vida vai necessariamente destacar esse significado.

Hélio foi o participante que mais evidenciou sentidos de homossexualidade. Construindo-se como um homem gay forte e vencedor, destacou, em suas histórias, sua vontade de fazer de si um exemplo para outros homossexuais. Há, em suas narrativas, uma constante presença de personagens identificados como amigos, que constroem uma rede de solidariedade muito mais protagonista que a formada com seus membros familiares. Estabelecendo coerência com uma retórica quase militante, Hélio destaca em suas histórias sua bravura e, de certo modo, seu orgulho em ser um homem gay. Ao longo da entrevista, contou várias histórias de saída do armário, sobretudo em contextos profissionais. Sua imagem de profissional competente inclui, nessas histórias, suas performances de homossexualidade. Corroborando uma conclusão já disponível na literatura macrossociológica sobre identidades não-hegemônicas, a entrevista de Hélio me faz pensar no processo contínuo daquilo que talvez, comumente, seja visto como um evento único e localizado nas vidas de indivíduos gays. Sair do armário é um processo “sem fim”. Parece ser que a vida em sociedade exige das subjetividades não-normativas um constante processo de assumir-se. Na escola, na universidade, em contextos profissionais, na rua, várias vezes, a necessidade de abrir as portas do armário se faz presente. Em uma tese, porque assim escolhi

fazer, também. Acho importante sinalizar a agência que pode estar contida nessas repetições. Se cada vez que repetimos, repetimos de forma distinta, há de se pensar em como, a cada saída do armário, podem-se criar estratégias de enfrentamento à heteronormatividade. A homossexualidade foi negociada, entre nós, como um sentido que não precisa ser apagado ou escondido em performances públicas. O flerte com o armário, nas histórias de Hélio, manteve-se constante. A homossexualidade revelada insistentemente foi o tom das narrativas do participante.

Gabriel não privilegiou enredos que destacassem a homossexualidade. Como se viu, na maioria das vezes, diante do pedido por histórias, Gabriel escolheu não contar. Seu silêncio desencadeou movimentos de maior insistência minha, interessado que estava em sua atividade narradora. A homossexualidade, já instanciada entre nós antes do convite para participação no trabalho, não foi negociada como um sentido potencialmente ameaçador de face. Pelo contrário, conforme se mostrou, estabelecemos, na entrevista, laços de solidariedade e cumplicidade justamente acionando a homossexualidade como significado. O silêncio, nesse caso, não se deveu à homossexualidade. O silêncio foi, ao que parece, uma manobra utilizada por Gabriel para não ameaçar sua face de um rapaz equilibrado, que mantém uma postura de sensatez e entendimento diante das dificuldades. Em coerência com um tipo de discurso de autoajuda que encoraja o pouco envolvimento com situações de violência e sofrimento, Gabriel construiu-se como um rapaz gay que, tendo passado por situações desse tipo, segue sua vida com determinação. A homossexualidade, mesmo protagonizando histórias que ele preferiu não contar – o que me leva a crer que seriam potencialmente ameaçadoras de sua face – não é, na linha que o participante construiu ao longo do encontro, um problema paralisador de sua vida.

Ainda sobre a entrevista com Gabriel, é importante retomar o incômodo a que fiz referência algumas vezes ao longo do texto. O desconforto, que me levou a não incluir a entrevista com a participante Ana no capítulo de análise, possivelmente não está completamente desfeito. Gabriel ajudou-me a pensar nele, o que já enxergo com um ganho pessoal importante. Tenho pela frente, ainda longos processos de reflexão a serem conduzidos a esse respeito, a essa necessidade de sentimento de pertença que percebo estar sempre em jogo em meus estudos. Nesta tese, coloquei-me a possibilidade de pensar sobre práticas

identitárias que não me são referentes, neste caso, a negritude. Fico com a certeza de que os diálogos podem e devem ser feitos independentemente de falarmos sobre “iguais” ou “diferentes”. O trabalho com Gabriel me leva a refletir na necessidade de repensar essas duas ideias, de tal forma que percebamos igualdades entre os que construímos como diferentes e também visualizemos as diferenças naqueles que nos parecem iguais.

Perpassou as três entrevistas um paralelismo entre sentidos de homossexualidade e semânticas de marginalidade. Sintetizo nessa última palavra o polo oposto de que se valeram os participantes para diferenciarem a identidade gay da construção de um “mau caráter”. Rafael, ao contar a história de saída do armário para sua mãe, para diminuir a força negativa que esta personagem parecia querer imprimir em sua “homossexualidade descoberta”, comparou indiretamente uma prática homoafetiva (o “chupão” em seu pescoço) a performances como “curtir baile funk” e “ser traficante de boca”, explicitamente construídas, na história, como performances de valor social negativo. Hélio, em dado momento da entrevista, reconstruiu uma fala de seu pai que aproximou uma performance gay de uma vivência em desacordo com parâmetros morais vigentes no senso comum. Em instante posterior, ao contar uma narrativa de homofobia no espaço escolar, aproximou de sua performance de homem gay uma prática que ressaltou seu caráter honesto. No caso de Hélio, especificamente, pode-se dizer que esse paralelismo se deu em todo o evento, já que suas histórias ressaltaram a necessidade de ver como possível uma performance de gay vitorioso, diminuindo, para isso, qualquer sentido que o aproximasse de uma semântica marginal. Por fim, na conversa com Gabriel, ao contar um episódio de conflito com sua mãe relacionado à sua performance de sexualidade, o participante também aproximou a homossexualidade de um campo semântico de valores sociais marginais. Ao contar a briga que teve com sua mãe, porque esta não aprovou sua participação em comunidades online voltadas para LGBTs, Gabriel diminuiu a força de sua “infração”, comparando-se a outras pessoas que divulgam, na internet, imagens de armas e traficantes.

Essa repetição me faz pensar na adversativa constantemente presente em discursos que tratam da homossexualidade. Há, com frequência, um “mas” presente em discursos desse tipo. “Eu sou gay, mas sou legal” é o discurso a que faço referência aqui. Em narrativas midiáticas de grande alcance, por exemplo,

perpetua-se a necessidade de justificativas relativas à formação de um “bom caráter” para as performances de homossexualidade. Juntamente com a identidade gay, uma identidade de “boa pessoa” precisa necessariamente ser construída e tornada explícita. Isso não precisa ser um problema, é claro. Como apontei, no capítulo analítico, os emparelhamentos entre homossexualidade e construção de (bom) caráter podem ser lidos como movimentos de agência transformadora. Pensando o espaço narrativo também como *lócus* de redescritção de sentidos, essas performances narrativas dos participantes podem ser interpretadas como engajamentos políticos de reconstrução de imaginários que desfavorecem homossexualidades.

A questão que coloco é a repetição, que pode indiciar quase uma obrigatoriedade. Wyllys, em narrativa memorial sobre a relação com sua mãe, tangencia essa máxima:

Expliquei à minha mãe que eu era um homem honrado e que ainda lhe daria muito orgulho, independentemente de minha orientação sexual. Depois dessa conversa, a confiança que ela me tinha aumentou, a ponto de transferir para mim a responsabilidade que deveria ser de meu pai – a função de “homem da família” (2014, p. 27).

Acho importante demarcar como esse ainda é um recurso argumentativo do qual discursos autorreferenciais de homossexualidade se valem para a elaboração de uma identidade valorizada.

Como se viu, em “ser gay” cabem inúmeras redes de significado. Acredito somar-me a vários outros trabalhos que se dedicaram a pensar a homossexualidade e ampliar ainda mais essa visão plural. Meus pressupostos teóricos e analíticos são ferramentas importantes para esse alargamento semântico. Faço referência aqui a como os participantes construíram suas identidades de sexualidade e também aos sentidos que eu promovi nos encontros em relação à (minha) sexualidade. Minhas performances foram distintas em cada entrevista, o que evidencia como os sentidos são sempre contextuais e dependentes da situação social em desenvolvimento.

A observação atenta das minúcias interacionais nos faz pensar em como são cotidianas e pequenas as ações discursivas que constroem nossas identidades. Se entendemos as identidades enquanto práticas, é de grande relevância que se

observem, por uma lente mais próxima, os micromovimentos discursivos que constituem essas ações. Somando-se a trabalhos que dão preferência a observações de um ponto de vista mais geral, trabalhos como o meu contribuem por permitir o olhar mais próximo aos participantes, mais atento aos pequenos gestos, sem deixar de considerar, é claro, a retroalimentação micro-macro ali presente. Goffman nos lembra:

Jogos de carta, casais em um baile, equipes cirúrgicas durante uma operação e brigas de soco servem como exemplo de encontros; todos ilustram a organização social de uma orientação corrente compartilhada e todos envolvem um entrelace organizado de atos de algum tipo. Quero sugerir que, quando a fala ocorre, ela ocorre dentro desse tipo de arranjo social ([1964] 2002, p. 18)

Cada uma das entrevistas gravadas não ocorreu num vácuo social. Dessa forma, cada micromovimento que os participantes realizaram ao praticarem suas identidades esteve inserido num universo social maior que, naquele momento, informou as entrevistas. Não nos desconectamos de nossas experiências particulares no mundo, das performances que desempenhamos conjuntamente em outros contextos, dos sentidos sociais que nos rodeiam, dos participantes não-ratificados<sup>5</sup> que, de alguma forma, também participaram daquelas cenas, entre outras variáveis igualmente importantes. A atenção a esses movimentos – alguns deles agentivos – é uma contribuição que ofereço aos meus pares.

Ainda sobre esse aspecto, destaco a relevância do trabalho com a noção de narrativa, conforme foi apresentada aqui. Entender que ao narrar estamos, localmente, produzindo sentidos sobre nós mesmos, desafia as ideias de “verdade” com que geralmente se trabalha no senso comum. Trabalhos como o meu, informados por autoras e autores que apostam na “tomada da narrativa como uma forma de *constituir* uma realidade sempre revogável e a serviço de padrões culturais e interacionais” (Bastos e Biar, 2015, p. 101, grifo das autoras),

<sup>5</sup> Refiro-me à noção de estrutura de participação conforme formulada por Goffman ([1979] 2002). O autor explica que “o processo de examinar o que um falante diz e de acompanhar o essencial de suas observações (...) deve logo de saída ser diferenciado do momento social no qual essa atividade comumente se processa, isto é, a condição oficial de participante ratificado no encontro” (p. 118). Sobre a noção de participante não-ratificado, o autor diz se tratar daquela presença eventual que, mesmo não sendo ratificada pelos protagonistas de um determinado encontro social – no caso de minha pesquisa, as entrevistas – participa dela de forma não-ratificada. Nas palavras do autor, “um participante ratificado pode não estar escutando [uma conversa], e alguém que esteja escutando pode não ser um participante ratificado” (p. 118).

pretendem deslocar entendimentos que flertam com a noção de transparência da linguagem. Acessar discursos não significa acessar sentidos verdadeiros guardados em algum espaço acessível pela linguagem. Principalmente em trabalhos como o meu que, erroneamente, podem ser lidos como pesquisas que extraem as verdades dos indivíduos entrevistados para depois produzir análises que diagnosticam seus sentidos verdadeiros, entendimentos da narrativa nesses moldes são importantes. Acessar discursos é debruçar-se sobre a construção de reais possíveis em atenção especial, no meu caso, às manobras interacionais realizadas para tanto. De forma alguma, lido com a ideia de que os sujeitos sociais estão livres para criar e inventar realidades independentemente de suas pertencas sociais. Bastos e Biar brilhantemente sintetizam:

Se concordamos que as histórias não servem fundamentalmente para informar um “real” que lhes antecede e sobrepõe, então, o que se está reivindicando para as narrativas são funções mais complexas e mais comuns à experiência cotidiana, relacionadas à construção de sociabilidade, à conformação da experiência em padrões públicos de aceitação e à construção de um sentido de quem somos e do mundo que nos cerca (2015, p. 101).

Consigo enxergar algumas contribuições de minha pesquisa no âmbito dos estudos que se debruçam sobre as performances narrativas de vida sociais não-hegemônicas. Destaco a aproveitamento da noção de estigma num trabalho que pretende focar encontros não-mistos, isto é, encontros nos quais dialogam indivíduos que compartilham uma marca social estigmatizante. Conforme apontei no texto, trato aqui de encontros entre “iguais”. As aspas problematizam a noção de iguais e, mais profundamente, a noção de desviantes proposta por Erving Goffman. Retomando um entendimento próprio ao autor, estigmas são construídos local e situadamente. Estar em presença de um “igual” estigmatizado não nos exige de manobras interacionais que possam tornar um dado encontro mais confortável para seus participantes (ou mais incômodo, se for essa a intenção). Em outras palavras, acredito que esse texto, escrito por um sujeito que se autodenomina estigmatizado, acresce entendimentos aos estudos que tematizam a produção situada de identidades estigmatizadas, seja ela organizada em encontros mistos ou não.

Escrever uma tese que lida com a noção de estigma em encontros “entre iguais” é também dessacralizar a figura do entrevistador/pesquisador tido tradicionalmente como uma figura neutra na prática da pesquisa. Entre a normalidade e o desvio, a neutralidade do pesquisador frequentemente endereça-se à primeira. Colocar o pesquisador como alguém também sociohistoricamente envolvido na produção dos sentidos produzidos na entrevista é um gesto político neste trabalho, já que esse alguém faz questão de visibilizar em suas performances sentidos identitários estigmatizados. Ou seja, esta é uma tese sobre estigma cujo pesquisador é também um estigmatizado. Que eu possa abrir as portas do armário para escrever estas linhas é, para mim, um motivo a comemorar.

Terminar esta tese é mais do que retomar as perguntas de pesquisa colocadas em meu capítulo introdutório. É um pouco mais do que sintetizar percursos teóricos e ensaios analíticos realizados e projetar objetivos futuros uma vez recebido o título de doutor. Porque escrevi um texto que, de alguma forma, é também um ensaio sobre mim mesmo, ao tecer os fios que encerram o percurso, faço também uma revisão do que me trouxe até aqui em termos não-acadêmicos, isto é, tudo aquilo que o cotidiano foi promovendo para que eu chegasse a esse trabalho. Nesse sentido, concordo com Trevisan, para quem, na prática da escrita, “é preciso ter um sério diálogo consigo mesmo, o que exige suspender as defesas e deixar a ferida exposta, mas também buscar o remédio, sofrer o curativo e acompanhar a cicatrização” (2002, p. 59). O diálogo foi estabelecido. As defesas foram parcialmente suspensas. A ferida esteve relativamente exposta. Sobre o remédio, o curativo e a cicatrização, acho que ainda preciso esperar mais alguns anos para chegar lá.

Em meu processo de escrita, minhas memórias, os livros que li, os programas de televisão, filmes, as conversas com as mais variadas pessoas nos mais variados contextos de interação, reflexões individuais compõem de alguma forma. Se não trouxe todas essas referências explicitamente ao texto, certamente muitas linhas que aqui se colocam recebem sua influência. Assim se construiu o tecido de minha tese, um trabalho no qual se unem empreendimento analítico, teorização intelectual e (re)aprendizagens de si e do outro.

Quando já escrevia essas páginas finais, iniciei e concluí a leitura de três livros. Dois romances juvenis ocuparam minha atenção de leitor já saudoso de

narrativas: *Lucas e Nicolas*, do paulista Gabriel Spits e *1+1, a matemática do amor*, de Augusto Alvarenga e Vinícius Grossos. Posteriormente a essas duas histórias de amor entre meninos, terminei *Tempo Bom, Tempo Ruim*, de Jean Wyllys, leitura iniciada e interrompida em 2015. O livro de Jean não é uma narrativa, mas em seus textos – alguns extraídos de sua coluna em uma revista semanal de informações – muitos episódios de sua vida e de vidas que se entrecruzam com a sua são contados. Isso me faz pensar em como sou um sujeito que gosta de ouvir e contar histórias. Não por acaso o que faço aqui é ouvir histórias e, indiretamente, também contar a minha.

A escritora nigeriana Chimamanda Adichie, em vídeo largamente compartilhado em redes sociais online, afirma: “Histórias importam. Muitas histórias importam. Histórias têm sido usadas para expropriar e tornar maligno. Mas histórias podem também ser usadas para capacitar e humanizar”<sup>6</sup>. Muitas histórias sobre Hélio, Rafael, Gabriel, Leandro, Ana, Maria, André, Nicolas, Joana, Patrícia, Lucas, Jean, Bernardo etc. importam. Muitas versões de uma mesma narrativa importam. Este texto é um pouco da minha.

---

<sup>6</sup> O vídeo completo está disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ZUtLR1ZWtEY> (último acesso em 25.06.2016)